

FOR AUGUSTO'S 90th BIRTHDAY

Marjorie Perloff
Stanford University

In August 2016, I wrote, for the *Times Literary Supplement*, a review of Ezra Edelman's fine documentary film *O.J. Simpson: Made in America*. I somewhat ironically compared O.J. to Othello and speculated that the Goldman family (Ron Goldman was the young man murdered with O.J.'s wife Nicole Brown) played the role of the cruel Eumenides, relentlessly pursuing Orestes for the murder of his mother Clytemnestra in Aeschylus's great tragic cycle, the *Oresteia*. Here is part of the prompt response I got from Augusto in an email of 15 August:

WRITING THROUGH MARJORIE's O.J. Simpson's L.A. (saussurrian anagram)

ORESTEIA (Ορέστεια) OTHELLO OTHER ARREST ORENTHAL

[ORENTHAL as a name means "pine tree; fair, pale". A variant form of Oren (Hebrew, Irish, Gaelic). Associated with tree, fair (white).]

Who but Augusto could have composed this brilliant little "Saussurian anagram"—in fact, a profound poem? He uncannily connected the words above: "ORENTHAL"—O.J.'s real first name—gives us the ORE of the *ORESTEIA* and the OTH of *OTHELLO* and points to the "OTHER ARREST"—the arrest for the Las Vegas theft that would finally put O.J. behind bars. "OTHER ARREST," for that matter, has all the letters of *ORESTEIA* except for the "I." The tragedy, Augusto posits, is that O.J. had such great potential: when he began his football career, he was, in a sense, the "fair pine tree" designated by the name his mother gave him—*Orenthal*. But as a Black man, he could never be a *white* pine: hence the tragic clash with his white wife Nicole Brown.

And so here, in five short words, is the O.J. Simpson drama in a nutshell! It is the same genius that is at work in the performance piece (with Cid Campos) *CALL ME MOBY*, where the pathos and complexity of Meville's great novel is caught in the little song:

a brancura do branco
a negrura do negro
Rodchenko Malevich
o mar esquece
Jonas me conhece
só Ahab não soube
a noite que me coube
alvorece. . .

call me moby (refrain, sung with Cid)

On the screen, images of ocean waves and a possible white whale give way, in the end, to a picture of Jonah swept up by the whale, as Augusto chants the stanza from *It aint necessarily so*: “Oh Jonah he lived in a whale / O Jonah he lived in a whale./ For he made his home in / That fish’s abdómen / O Jonah he lived in a whale.” Thus again we have an astonishing parataxis, relating opposites: the whiteness of the hunted whale vs. the blackness of the ocean and the night sky; Malevich’s white paintings vs. Rodchenko’s black ones, Ahab the implacable whale hunter vs. Jonah, who learns what it means to be inside the whale and hence becomes a prophet, and both Ahab and Jonah versus the novel’s hero, named in its first three words: “Call me Ishmael,” here transformed into Call me moby.” And I haven’t even talked yet of the concrete poem, “The Whale’s Night Song,” which is the source of the performance (see current issue of *Revista Rosa*).

Augusto’s great gift—and we can see this in his earliest short concrete poems like *tensão*—is that he always understood, as do few poets today, that, in Wittgenstein’s words, “*The limits of language are the limits of my world.*” He could choose a very small corpus of words—always *le mot juste*—and make something new, strange, and entirely unexpected of them. Think of the brilliance of **LUXO/LIXO**, in its X shape, showing us that the change of a single vowel can produce opposite meanings, in this case giving us a poem of social critique. But not an obvious one: **LUXO/LIXO**, on the one hand, denounces the **LUXO** that pays no mind to the **LIXO** it has produced in its wake, but, on the other, it entertains the possibility that **LIXO** could be transformed into **LUXO**.

Who can forget such a poem? And then think of the magic of **VIVA VAIA**, which has become iconic around the world. We need not know the story of its genesis in the political crisis of its time to see that three little letters—**v**, **i**, and **a**—can give us two words in perfect opposition to one another. **VIVA VAIA**, memorable in its original red and white, also comes alive in surprising situations: here in shocking pink, it functions as a kind of picture frame, not quite able to contain

Augusto and me (together with Daniel Rangel, the curator and the critic Gonzalo Aguilar) at the momentous *Rever* exhibition of 2016 in São Paulo.



It was Augusto’s great genius to understand, in the early days of computers, that poetry in our time—specifically, his own concrete poetry—could, and perhaps *must*—make a rapprochement with the other arts—with the visual arts, graphic design, music, theater, installation, architecture. And perhaps most of all with the art of *translation*—think of Augusto’s extraordinary versions of so many poets from the French Troubadours to Mayakovsky to Gertrude Stein and Marianne Moore—that demonstrate again and again what a genuinely *global* poetry might be like. His translations and editions of Ezra Pound alone would be enough to make Augusto a renowned figure!

To quote Wittgenstein again: “The world of the happy is a happy world.” A very very happy 90th birthday and much love, dear Augusto!

From your great admirer (and fellow octogenarian) friend, Marjorie!

CARINHOSAMENTE, PARA O 90º ANIVERSÁRIO DE AUGUSTO

Marjorie Perloff

Em agosto de 2016, escrevi para o *Times Literary Supplement* uma resenha do excelente documentário de Ezra Edelman, “O.J. Simpson: Fabricado na América”. Eu um tanto ironicamente comparei O.J. a Otelo e especulei que a família Goldman (Ron Goldman era o jovem assassinado com a esposa de O.J. Nicole Brown) desempenhava o papel da cruel Eumênides, perseguindo implacavelmente Orestes pelo assassinato de sua mãe Clitemnestra no grande ciclo trágico de Ésquilo, a *Oresteia*. Aqui está parte da pronta resposta que recebi de Augusto no e-mail de 15 de agosto:

ESCREVER ATRAVÉS DO O.J. de MARJORIE L.A. de Simpson (anagrama saussuriano)

ORESTEIA (Ορέστεια) OTHELLO OUTRA PRISÃO ORENTHAL

ORESTEIA (Ορέστεια) OTHELLO OTHER ARREST ORENTHAL

[ORENTHAL é um nome que significa "pinheiro; claro, pálido". Uma forma variante de Oren (hebraico, irlandês, gaélico). Associado à árvore, claro (branco).]

Quem senão Augusto poderia ter composto este pequeno e brilhante “anagrama saussuriano” - na verdade, um poema profundo? Ele estranhamente conectou as palavras acima: "ORENTHAL" - o primeiro nome verdadeiro de JO - nos dá o ORE de ORESTEIA e OTH de OTHELLO e aponta para a "OUTRA PRISÃO" - a prisão pelo roubo de Las Vegas que finalmente colocaria O.J. atrás das grades. “OUTRA PRISÃO,” aliás, contém todas as letras de ORESTEIA exceto o “P”. A tragédia, postula Augusto, é que O.J. tinha um potencial tão grande: quando começou sua carreira no futebol, ele era, de certo modo, o “pinheiro formoso” designado pelo nome que sua mãe lhe deu - Orenthal. Mas como um homem negro, ele nunca poderia ser um pinheiro branco: daí o trágico confronto com sua esposa branca Nicole Brown.

E aqui está, em cinco palavras curtas, o drama de O.J. Simpson em poucas palavras! É o mesmo gênio que está em ação na peça performática (com Cid Campos) CALL ME MOBY, onde o *pathos* e a complexidade do grande romance de Melville são capturados na pequena canção:

a brancura do branco
uma negrura do negro
Rodchenko Malevich
o mar esquece
Jonas me conhece
só Ahab não soube
uma noite que eu coube
Alvorece. . .

call me moby - me chame de moby (refrão, cantado com Cid)

Na tela, imagens das ondas do mar e de uma possível baleia branca dão lugar, ao final, a uma foto de Jonas arrebatado pela baleia, enquanto Augusto entoava a estrofe de *Não é necessariamente assim*: “Oh Jonas ele vivia em uma baleia / Oh Jonas ele viveu em uma baleia./ Porque ele fez sua casa no / abdômen daquele peixe / Oh Jonas ele viveu em uma baleia.” Assim, novamente temos uma parataxe surpreendente, relacionando opostos: a brancura da baleia caçada vs. a escuridão do oceano e do céu noturno; as pinturas brancas de Malevich versus as pretas de Rodchenko, Ahab, o caçador implacável de baleias *versus* Jonas, que aprende o que significa estar dentro da baleia e, portanto, se torna um profeta, e Ahab e Jonas versus o herói do romance, nomeado em suas três primeiras palavras: “Call me Ishmael,” aqui transformado em “Call me moby.” E ainda nem falei do poema concreto, “A Canção da Noite da Baleia”, que dá origem à performance (ver número atual da Revista Rosa).

O grande presente de Augusto - e podemos ver isso em seus primeiros poemas curtos e concretos como “Tensão” - é que ele sempre entendeu, como poucos poetas hoje, que, nas palavras de Wittgenstein, “Os limites da linguagem são os limites do meu mundo”. Ele poderia escolher um *corpus* muito pequeno de palavras - sempre *le mot juste* - e fazer algo novo, estranho e totalmente inesperado com elas. Pense no brilho de LUXO / LIXO, em sua forma de X, nos mostrando que a mudança de uma única vogal pode produzir significados opostos, neste caso nos dando um poema de crítica social.

Mas não óbvio: LUXO / LIXO, por um lado, denuncia o LUXO que não liga para o LIXO que ele produziu em seu rastro, mas, por outro, cogita a possibilidade de que LIXO se transforme em LUXO. Quem pode esquecer tal poema? E então pense na magia do VIVA VAIA, que se tornou um ícone em todo o mundo. Não precisamos conhecer a história de sua gênese na crise política de seu tempo para ver que três pequenas letras - v, i e a - podem nos dar duas palavras em perfeita oposição uma à outra. VIVA VAIA, memorável em seu vermelho e branco original, também ganha vida em situações surpreendentes: aqui em rosa choque, funciona como uma espécie de moldura de quadro, não exatamente capaz de conter Augusto e eu (junto com Daniel Rangel, o curador e os crítico Gonzalo Aguilar) na importante exposição de 2016 do Rever em São Paulo.



Daniel Rangel, Marjorie Perloff, Augusto de Campos, Gonzalo Aguilar

E talvez mais do que tudo com a arte da tradução - pense nas versões extraordinárias de Augusto de tantos poetas, dos Trovadores franceses a Maiakovski, Gertrude Stein e Marianne Moore - que demonstram repetidamente como pode ser uma poesia genuinamente global. Suas traduções e edições de Ezra Pound, por si só, seriam suficientes para tornar Augusto uma figura reconhecida!

Para citar Wittgenstein novamente: “O mundo dos felizes é um mundo feliz.”

Muito, muito feliz aniversário de 90 anos e muito amor, querido Augusto!

Da sua grande admiradora (e colega octogenária) amiga,
Marjorie!